

---

## Janete Clair e a escrita novelística. Um estudo sobre processo de criação.<sup>1</sup>

Maria Igenes Carlos Magno<sup>2</sup>  
Universidade Anhembi Morumbi

### RESUMO

O estudo sobre a escrita novelística de Janete Clair é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a crítica e a recepção da crítica de telenovela desde os anos 1960. Mais propriamente, a recepção que a crítica fez das novelas de Janete Clair e de Dias Gomes. Para este encontro as obras escolhidas são Sangue e Areia (1968) e Selva de pedra (1972), de Janete Clair. Os objetivos são o de entender como era o processo de criação de Janete Clair e estabelecer um diálogo com a leitura que a crítica da época teceu sobre a escrita da novelista. O resultado esperado é o de colaborar com os estudos de telenovela e da crítica de telenovela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Janete Clair, Processos de criação, Escrita novelística. Recepção crítica

### INTRODUÇÃO

Relembrando uma história já contada e conhecida, Janete Clair nasceu Janete Stocco Emmer em Conquista, uma cidadezinha do Triângulo Mineiro, em 25 de abril de 1925. A família se mudou para Franca no interior de São Paulo, e ela, desde criança frequentava os programas da Rádio Club Hertz, de Franca, primeira emissora do interior onde cantava e imitava franceses e árabes. Além dos programas de rádio, Janete ia ao cinema. Antes do filme principal, amava as fitas em série programadas pelo exibidor local. A cada semana, assistia aos filmetes de 20 minutos que sempre terminavam com o herói à beira do precipício, a mocinha caindo num poço sem fundo, o vilão disparando contra o herói. Sete dias depois, a história era retomada com os protagonistas escapando da cilada, na última hora e continuando sua aventura, por mais vinte minutos, até encontrarem outro precipício, outro poço, outro tiro.

De acordo com a história de Janete contada por Artur Xexéo (2005; p:28), na experiência com o cinema e os filmetes que antecedia a sessão principal, começava a sua formação. No cinema de Franca, ela descobria o romantismo e a técnica de contar uma história serializada, mas foi na Rádio Difusora estação dos Diários Associados que iniciaria sua carreira. Sua entrada no rádio deu-se por acaso. Quando a irmã Amilde, uma soprano poderosa, venceu um concurso que pretendia escolher a voz mais bonita de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Profa. permanente do PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi (SP), email: [unsigster@gmail.com](mailto:unsigster@gmail.com)

---

São Paulo. E o prêmio era um contrato com a Rádio Difusora. Janete acompanhou a irmã à emissora e um dos diretores da emissora, Dermival Costa Lima, convidou Janete para fazer um teste de locutora. Ao voltar para casa, as duas irmãs estavam empregadas na Rádio Difusora. Em outubro de 1944 Janete Emmer tinha se tornado a mais nova radioatriz da Difusora (Xexéo, Artur, p:33). Janete que não era Clair, passou a ser Janete Clair, quando Octávio Gabus Mendes, um dos diretores da rádio, implicante com o sobrenome Emmer, encontrou em uma das músicas preferidas de Janete: *Clair de lune* de Debussy, o pseudônimo que ela levou por toda vida. Janete, quando não participava dos programas que estavam no ar, exercitava a imaginação no escritório de Sarita Campos, mulher de Dermival Costa Lima e responsável pela redação e produção do programa *Vesperal das Moça*. Ao lado de Sarita ela dava ideias para o Teatrinho das Cinco Horas, que encerrava o *Vesperal* - um radioteatro melodramático com meia hora de duração. Chegou a escrever uma peça para o Teatrinho, mas nas palavras de Sarita, o texto não era bom porque boa era a radioatriz que fazia a todos chorarem com suas narrações. Pelo depoimento de Sarita Campos (1978): “se a ouvinte chorava, a radioatriz cumpria a sua função” e Janete era uma ótima radioatriz, concluía Sarita.

### **Da radionovela para a telenovela**

Janete Clair fazia rádio porque gostava, e porque no rádio ela passou a exercitar a escrita do que seria sua verdadeira paixão: a escrita de novela. Da Rádio Difusora (1944) à Rede Globo de Televisão (1967), a produção de Janete Clair foi extensa e intensa: mais de 40 tramas para o rádio, roteiro de cinema, argumentos para outros autores, um romance, teleteatros, dramatização de casos reais para o rádio e novelas para a televisão. Novelas no modelo aprendido nas seções de cinema e nos filmetes serializados. Os romances, os dramas vieram de uma das características do próprio gênero novelístico e das influências dos folhetins, aliás quem não veio dessa matriz, já que “chorar era um prazer”? Mas, entre o último beijo e o final feliz o que existia nas tramas de Janete Clair? Como era o processo de criação de suas novelas que uma parte da crítica chamava de novelão, dramalhão, ou, a mais popularesca das novelistas?

O estudo das críticas daqueles anos 1970 e das colocações pejorativas que a crítica escrevia sobre Janete Clair me levaram a buscar os processos de criação da novelista. Primeiro porque processos de criação são sempre complexos e exigem do escritor um conhecimento do gênero, segundo porque Janete Clair, embora tenha dito

---

em muitas entrevistas que seus tipos humanos eram pessoas simples e comuns e o que ela mais desejava era que essas pessoas se vissem nas tramas e personagens, por traz daqueles finais felizes existia uma imensa pesquisa e posicionamentos sociais pouco percebidos ou apontados pelos críticos. Compreensíveis as posições da crítica se pensarmos que estávamos nos anos 1960/1970, anos de violências políticas, de censuras externas e internas, e o que a Rede Globo representava naquele momento histórico. Momento também que Janete entrava na Rede Globo de Televisão com a telenovela: *Anastácia, a Mulher sem Destino* (1967). Período intenso nos dois sentidos: intenso de pressões políticas e intenso de processos criativos. E como aqui não é a posição da crítica que está em discussão, mas o processo de criação da novelista, trago para esse encontro duas de suas telenovelas escritas para a Rede Globo de Televisão: *Sangue e Areia* (1968) e *Selva de Pedra* (1972).

### **Inspirações e temáticas, ou: “Titia Janete” não era simples não.**

A estreia de Janete Clair na Globo teve o folhetim francês *A Touti Negra do Moinho* (1967) como inspiração, *Sangue e Areia* (1968) sua primeira novela das 20h foi inspirada no romance espanhol de Blasco Ibañez e *Selva de Pedra* (1972), no romance de Theodore Dreiser. Inspirações literárias que pautam tantas criações. Poderíamos perguntar por que essas duas novelas? E nossa atenção vai para os autores e os romances escolhidos. Vicente Blasco Ibañez era um escritor, político e jornalista valenciano que se dizia um homem de ação, admirava Miguel de Cervantes, era adepto dos ideais Republicanos e se opunha à Monarquia. Preso político por alguns anos, escreveu inúmeros romances, entre eles *Sangue e Areia* (1922). Theodore Herman Albert Dreiser foi escritor e ativista político norte-americano. Suas obras tratam das injustiças sociais.

O romance escolhido por Janete Clair foi *A Tragédia Americana* (1925), o mais conhecido e importante deles. Conhecido pelo envolvimento em causas políticas e como escritor das classes trabalhadoras, em 1935 teve seus livros queimados em Indiana, filiou-se ao Partido Comunista em 1945, antes de sua morte. Apenas para situar os autores dos romances.

Se a novela *Sangue e Areia* conta a vida romântica de um toureiro e *Selva de Pedra* nos mostra um triângulo amoroso entre escultora humilde, jovem pobre e ambicioso e herdeira sofisticada, os romances em questão têm questões sociais como

temas centrais e se foram romantizadas na telenovela, o que chama a atenção são as escolhas literárias, as personagens e o período histórico que vivíamos: 1968/1972. O estudo comparativo entre as obras e as adaptações está em curso, como também as personagens e as temáticas que Janete Clair trazia para suas novelas. Não eram apenas amores impossíveis ou mulheres e homens apaixonados, mas amores em lutas por seus amores e causas. Apenas para citar algumas: em 1968 escreveu *Passo dos Ventos*, ambientada no Haiti e coloca personagens que põem em discussão o amor interracial.

Em 1969, para a TV Rio, escreveu a novela *Acorrentados*, uma história que é vivenciada na Jamaica e trata do amor impossível entre um guerrilheiro e uma irmã de caridade. A novela saiu do ar antes do último capítulo. No mesmo ano de 1969 escreveu *Rosa Rebelde* em que o romance impossível é o de um oficial das tropas de Napoleão que ocupava o país e a líder do movimento de resistência. Inspirações e amores impossíveis entre personagens nada comuns, ou, ao contrário, personagens e temáticas muito presentes na realidade do país naqueles anos sombrios.

Meus estudos sobre a crítica e a recepção da crítica de televisão e em especial a crítica de telenovela praticada nos jornais e revistas desde os anos 1960 continuam. Este estudo sobre a escrita novelística de Janete Clair e o processo de criação, é parte dele. Das narrações radiofônicas às narrativas televisivas o que Janete Clair apresenta aos nossos olhos é o conhecimento e o domínio do gênero novela e do formato telenovela. Discussão que será exposta no artigo final da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Elisabeth; Kehl, Maria Rita: Ribeiro, Santuza naves. **Anos 70. Televisão**. Rio de Janeiro, Europa Emp, graff e Edit. Ltda, 1979-1980. V.7

DICIONÁRIO DA TV GLOBO, V.1: **Programas de dramaturgia & Entretenimento/Projeto Memória das Organizações Globo**, Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2003.

FERNANDES, Ismael. **Telenovela Brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FILHO, Daniel. **O Circo Eletrônico**. Fazendo TV no Brasil. 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São paulo: Cultrix, 2004.

XEXÉO, Artur. **Janete Clair; a usineira de sonhos**. Rio de Janeiro: Relume; 2005.